

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 22 DE FEVEREIRO DE 1904

NUMERO 16



DR. ALBERTO DE CASTRO PEREIRA D'ALMEIDA NAVARRO

(Phot. Babour)

O sr. dr. Alberto Navarro é o responsável do Ministério publico junto do supremo Tribunal de Justiça e faz parte do conselho de magistratura.

Debatendo-se ultimamente no Tribunal Arbitral a questão do Caminho de Ferro da Beira Alta, o illustre jurista foi nomeado para impugnar as exigencias d'essa companhia da qual é advogado o sr. dr. Pinto Coelho.

A empresa que tomou conta dos trabalhos da linha da Beira Alta declara o governo seu devedor e tendo-o no entanto provado com um recibo da casa Henry Barzay & Co que está salda a conta. Vede-se essa firma commercial ter cobrado a quantia de 13000\$500 réis, resto da subvenção do Estado, como se lê no mesmo documento.

O sr. dr. Alberto Navarro fez notar as termos d'esse recibo e a circumstancia de no processo não haver prostração da companhia que deo a firma Henry Barzay o direito a receber semelhante quantia, assignalando que a questão, posta a esse pé, devia decidir-se entre a citada firma e os queixosos.

CHRONICA

Lição ao mestre?

Da tradição da caserna passou para o vulgacho uma velha aneddotada d'um velho tempo. Ainda se usava o bricho e ainda não se vulgarisara a novel-



COSTUMES JAPONEZES: TYPO DE MULHER JAPONESA

la franceza. Havia então batalhões aguerridos, milicianos, porta machados barbudos e tambores-mores de dois metros d'altura. Foi ha muito tempo como võem. O Saldanha mal pensava em ser ministro e ainda menos em ser duque. Era por essa época um general garboso e bravo que sabia franzir a testa ao ver os cartuchos mal mordidos e que sabia sorrir ao vel-os bem empregados. Andara na aprendizagem da guerra com o Povoa, aquelle velho Povoa que D. Miguel estimava, cretara-se na sua escola, ganhara galões e dragonas, fora n'um pulo ao Brazil bater o terrível Artigas — o melhor cavalleiro do tempo — e recusara lá na America uma coroa e um povo, mas accetera voltar a Portugal para fazer a batalha da poeira. Nublara-se o cou da politica e rebentara rija a

escaramuça, andavam as sanhados os partidarios do senhor D. Miguel contra os da senhora D. Maria da Gloria e os generaes mal tinham occasião de comer a sopa dois dias a fio na mesma terra.

Uma coisa dos diabos com gritos, com tiros e com opera comica.

Ora foi n'uma d'essas escaramuças que Saldanha, já coberto de legenda e de louros, esmagado no peso das medallhas e da gloria, teve de se encontrar com o seu antigo mestre.

— Oh! que boa partida lhe vou progar! — dizia elle a esfregar as mãos.

Povoa aguardava-o a pé firme, sorridente e satisfeito a ver as manobras do inimigo como se assistisse a um exercicio! Com mil cartuchos, o discipulo fazia-lhe honra!

Via-o avançar em linhas cerradas, os soldados cheios de garbo e de furia e sorria sempre. Mas lá chegou um momento em que estremeou. O rapax sahia-lhe

o peito. E então poz-se no seguro. Saldanha avançava alegremente, conquistava palmo a palmo o terreno e via os soldados do Povoa sempre no seu posto sem fazerem fogo, hirtos, espedacados, com as suas barretinas empennachadas, garbosos e em massa no topo d'um cerro. E avançava, avançava sempre.

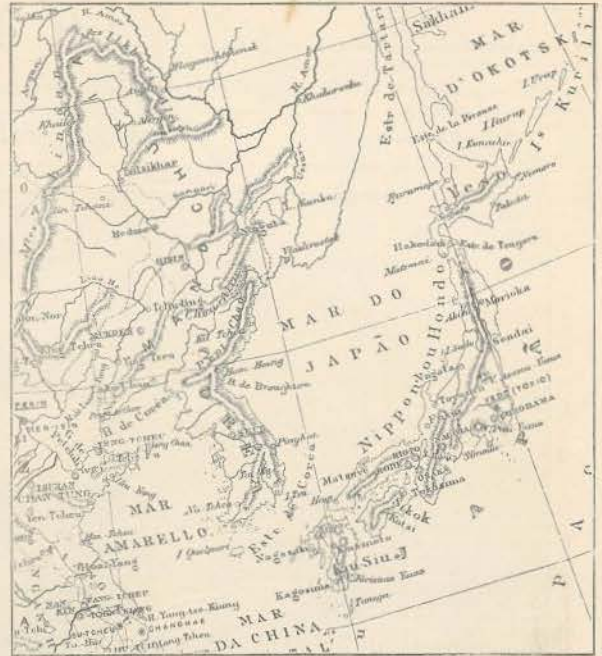
De repente sentiu o seu flanco direito a vacillar e viu que o inimigo estava ás voltas com elle. Bateu em retirada. Mas aquelles soldados, garbosos, hirtos, para os quaes avançara radiante? Eram apenas estacas onde Povoa mandara collocar as barretinas dos seus soldados, enquanto fazia a ousada manobra que lhe deu a victoria!

Mais tarde ambos se encontraram n'uma sala e o Saldanha, apertando a mão ao Povoa, exclamou: — Boa partida!

— Aquella não te ensinei eu, meu rapax!

— Oh! mestre... Que deslealdade... e Saldanha fez-se amarello.

— Que queres... O mestre guarda sempre a melhor para si...



MAPPA DO JAPÃO E DO LOCAL DA GUERRA RUSSO JAPONESA

velho mundo! E d'ahi, um alarme, um papão creado, o nascimento d'um terrível ogre:

O perigo amarello! C'os diabos! O perigo amarello! E bom soegar, que, naturalmente, a Europa como o diabo, que sabe muito por ser velho, e como mestre d'esse povo do Extremo Oriente, não lhe ensinou tudo... Olhem o Povoa!.. Credo! O perigo amarello!..

Isso é uma formula, meus senhores, é uma phrase... Não se dão de repente lições ao mestre! E se o amarello os amedrontar lembrense que se elle é a cor da raça mongolica e da colera, tambem é a cor do certo riso pouco natural e a de quem tem dores de barriga.

ROCHA MARTINS.



TYPO DE MULHER COREANA



UM COREANO



COSTUMES JAPONEZES: UM PASSEIO EM TOKIO

O Japão era ha quarenta annos um povo, como todos os do extremo-orient, julgado semi-selvagem pela Europa. A lei que na China velou durante muito tempo a entrada aos estrangeiros era tambem uma lei japonesa. Escearrava-se o imperio ao seu unico nos lobos, que, segundo a tradição, são os ancestraes do soberão allado e faza uma villa toda interna, villa que ainda inspira paginas a Maurice Duhard e ao romancista Loti. Porém, mercê d'alguns homens arrojados, de clara intelligencia como o marquês d'Ito e comde Inoué, a esse tempo simples plebeus, acouso a guerra ao europen. Em vez da lieta em todos os campos, fazeo a paz, uma paz sophistica, pela qual o Japão tudo ganhou. Detalhos d'uma intelligencia fixa e perseguida ao extremo, os japonezes assimilaram facilmente os costumes e dentro em pouco tempo conseguiram mobilisar exercitos á europen,

desenvolveram a sua marinha, até oitão rudimentar, e por fim, com a sympathia das potencias, tendo alligido um alto grau de desenvolvimento, o Japão começa a mostrar-se dominante no extremo oriente, o que prova agora mais uma vez com o seu consado allige á Rússia. O imperio é formado por quatro grandes ilhas que tem os seguintes nomes: Yezo, Nippon, Shikoku e Kioussou, e cuja população é de 40 milhões de habitantes. O exercito japonês em tempo de guerra é de 150-000 soldados não contando com as reservas, que são todos os homens validos de 17 aos 40 annos. Tem seis districtos militares e muitas escolas superiores de guerra as quaes foram no começo dirigidas por europens e actualmente por japonezes. Ha em Tokio uma grande fabrica d'armas e duas fabricas de polvora, além de dois arsenaes e um muscu d'artilharia,

A CATASTROPHE DE MOLEDO

Moledo é um pequeno povoado na freguesia de Fontellas, concelho do Peso da Régua, e onde existe um estabelecimento thermal pertencente aos srs. condes de Azambuja. É um logarinho alegre, muito pittoresco, na falda d'um monte e que recobrio durante o verão 400 a 500 pessoas que vão fazer uso das aguas, habitando umas casinhas commodas que allimamente all se tem construido. Uma grande parte d'esse povoado acaba de ser destruido em resultado de uma catastrophe que all se deu em 9 de fevereiro.

Com as constantes chuvadas, um rio, que corre no alto da villota, trashedou e despehou-se por um vinhedo que ficou destruido, e vindo n'uma grossa onda bateu d'encontro as paredes do reservatorio do estabelecimento



CALDAS DE MOLEDO

thermal, que derriram, augmentando desde logo a inundação com os 4500 litros d'agua que elle continha.

A enorme corrente, galgando terrenos, agitada e candalosa, n'uma furia enorme, veio contra as casas da povoação, que se derrocaram, sepultando alguns individuos nos seus escombros. Sobre a 21 o numero das victimas e calcula-se em 30 contos os prejuizos materiaes. Da Régua vieram os bombeiros voluntarios, que prestaram os primeiros socorros á povoação quasi destruida e a cujas ruinas arrancaram cadaveres. Uma familia composta de 6 pessoas pereceu na catastrophe, salvando-se apenas uma criança de 2 annos e meio, a qual deu a vida ao negociante Domingos de Mesquita, que a foi buscar ao meio dos escombros.

Causou profunda impressão no paiz esta catastrophe, uma das maiores de que ha memoria.

A catastrophe causou profunda impressão em todo o paiz e é desolador o aspecto da villa com as casas esboroadas, em montões d'entulho, as paredes aluidas, os moveis soterrados, as alvenarias por terra a formar as sepulturas dos habitantes que despreocupadamente descancavam, mal julgando que a morte viria surprehenderlos. O sr. D. José de Monção, filho do sr. conde d'Azambuja, enviou socorros á gente da povoação que mais soffreu com a catastrophe.

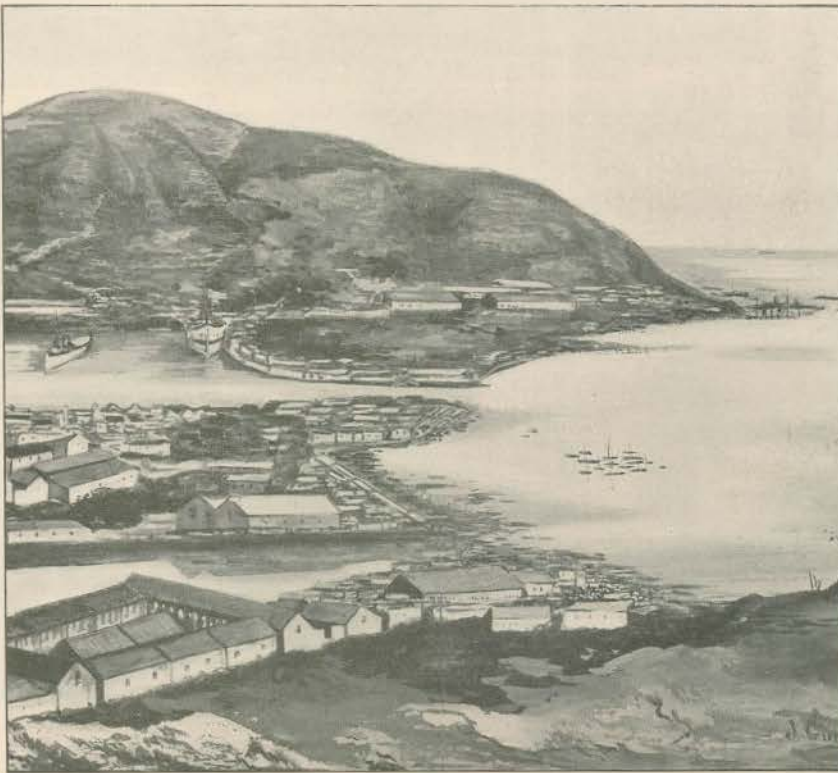


OS ESCOMBROS

A concessão de Porto Arthur

Porto Arthur, que está no theatro da lucta russo-japonesa, chamava-se antigamente Lon-Chun-Kou e fica no estreito de Petchili, no Mar Amarello, na extremidade meridional da península de Liao-Tung. É um porto em forma ovaloide com dois kilometros e meio de largo por um e meio de comprido e está rodeado de rochas escarpadas. Constitue uma estação naval de primeira ordem. O governo chinês escolheu-o para abrigo da sua esquadra do norte. Havia all 13 fortes no tempo da guerra com o Japão em 1894, mas apesar d'isso o forte cahiu em poder do exercito japonês commandado pelo conde de Oyama. Em 19 de novembro d'esse anno deu-se o assalto e pela noite os japonezes tinham 500 baixas e os chinezes mais de 5.000.

O Japão occupou desde logo Porto Arthur, ficando com quinze mil toneladas de carvão, com toda a artilharia e muitos prisioneiros chinezes. Quando o evacuraram, destruíram todas as fortalezas. Em 1898, a Rússia pediu que lhe arrendassem Porto Arthur com o de Tanchienan, solicitando tambem licença para construir um caminho de ferro desde Bodune a Porto-Arthur, por Kuan-Ching-Mukden. O Celeste Imperio não ponde resistir a este pedido e desde 27 de março de 1898 está Porto Arthur convertido em praça russa.



VISTA GERAL DE PORTO ARTHUR

A clausula do tratado pelo qual foi cedido o porto é a seguinte:

«Tendo-se em conta que a Rússia, para proteger officiazmente os seus navios nas aguas do norte da China, necessita possuir uma estação de facil defeza, o imperador da China consentiu em ceder Porto-Arthur e Tanchienan com os marcos adjacentes, havendo n'esta concessão a clausula de não prejudicar de qualquer forma a China.»

A duração do tratado é de 25 annos. Ao norte do territorio ha uma zona neutral sob a jurisdicção do Celeste Imperio que não póde, no entanto, ter all tropas.

Os russos reconstruíram as fortalezas que os japonezes tinham feito voar quando abandonaram o porto após a guerra com a China, installaram-se all e fizeram um magnifico abrigo para as suas esquadras, conforme se tinha exarado no contracto.

Agora com o caminho que a guerra vai tomando é possivel que Porto Arthur caia em poder dos japonezes que d'esta vez não o abandonarão, pois d'este modo guardam a chave da China, do extenso territorio que com a Corea é objecto da cubica europea.

É á vista d'este porto que se tem dado os combates navaes sem duvida vantajosos para os japonezes, que assim aproveitam as lições recebidas dos europeus.

DESASTRE NA BOCCA DO INFERNO

Mr. Gaston Kleber e Paul Meja, dois viajantes francezes que tinham vindo em passeio de recreio a Portugal, dirigiram-se na manhã de 10 de fevereiro à *Bocca do Inferno*, em Cascaes, acompanhados pelo interprete do Aveuida Palace, um allemão chamado Kolo Hingentabler.

O mar estava agitado e as ondas vinham alterosas e em cachos esfarelarse contra os rochedos que constituem a caverna. Quabrava-se o mar com estrepito nas arestas das pedras, entravam e desfazião-se as ondas em rolos espumantes, subindo até grande altura violenta e colerica.

Os francezes desceram a escadilha tallada na rocha e que conduz á fuma, apesar do guarda os prevenir de que podia haver perigo.

Mr. Kleber voltou para traz ao passo que o seu companheiro com o interprete desciam para o sitio denominado a *Pombelra Alta*, um lagoço claro que fica a meio do rochedo.

Deveras arrebatado pelo espectáculo, desmte das ondas alterosas que continavam a vir com furia e estrondo a quebrar-se nas pedras, mr. Meja deixou-se ficar ali durante momentos, como atraído para esse mar tormentoso que lhe dava uma sensação poderosa a bater nas rochas, a gorar um ecco espantoso na concavidade da fuma.

O interprete deixou-se ficar um pouco mais distante, enquanto mr. Kleber olhava do alto o grandioso espectáculo.

De repente uma vaga maior arrastou mr. Meja e ouviu-se um grito espantoso pelo interprete ao vêr o desgraçado a agarrar-se convulsivamente ao rochedo da *Pombelra*. A agua ropuxava-o, entravalle pelas roupas e fazia uma força enor-



me, buscando roubar-lhe aquelle ponto de apoio. Conservou-se ali durante instantes, a'um supremo esforço.

Aos gritos soltos pelos outros dois appareceu o guarda que immediatamente viu o perigo que o francezo corria. Tentou enfiar salvá-lo. Como na barca não houvesse nenhum aparelho de salvavidas, gritou á mulher que lhe trouxesse uma corda, desceu alguns metros no rochedo e atirou-lha. Mas era pequeno o barço para que elle o pudesse alcançar. No meio do maior terror, o guarda arrancau o chale dos hombros da compaheira, atou-o rapidamente na extremidade da corda e lançou assim ao infeliz, exactamente na occasião em que as ondas começavam a voltar. Boiou uns poucos momentos e desapareceu para sempre.

Mr. Meja era natural de Rivés, departamento d'Isère, casado e tinha quarenta annos. Veiu a Portugal com o seu amigo Kleber, negociante em Paris, a fim de emprehender alguns negocios e fazer ao mesmo tempo uma viagem de recreio.

Occupava no Aveuida Palace o quarto n.º 57 e o seu compatriota o n.º 61 e tinham chegado do Porto em 5 de fevereiro. Kleber ficou no hotel e o seu amigo partiu de novo para o Porto, d'onde regressou no manhã de 10. Depois d'almoco, liberaram dar um passeio nos arrabaldes e tentados pela descripção que o interprete lhes fazia da *Bocca do Inferno* para lá se dirigiram, mal pensando que um d'elles deixaria a vida n'essa voragem que se risga immensa e surpreendente no fim da villa de Cascaes.

Mr. Kleber telegraphou para a familia do morto dando-lhe noticia do triste acontecimento e veiu a Lisboa mr. Blanche, cunhado do infeliz, que buscava encontrar o cadaver para France. Porém o corpo do desditoso não appareceu.



ASPECTOS DAS HORTAS EM QUARTA FEIRA DE CINZAS

UM GRUPO NA «MONTANHA» — NA PERNA DE PAU — O PRETO DAS RUAS — Á VOLTA — BEBEDORES

A ida ás hortas em quarta-feira de cinzas a festejar-se o fim do carnaval e o começo da quaresma é um velho costume lisboeta. Antigamente, quando a circumvallação era limitada, e quando no theatro havia bohemias de talento, era em quarta-feira de cinzas que os actores se reuniam em volta da mesma mesa, bebendo pelo mesmo copo e esquecendo dissensões de bastidores e velhas rivalida-

des. Iam para 'Carricho', para a Perna de Pau e para outras hortas das cercanias; e Antonio Pedro, o Cosar Lima, o Epiphânio, o Tasso, toda essa volta guardia celebre, all tiravam bellos momentos de alegria como um oasis no meio das suas vidas trabalhosas.

AS FESTAS NA AVENIDA

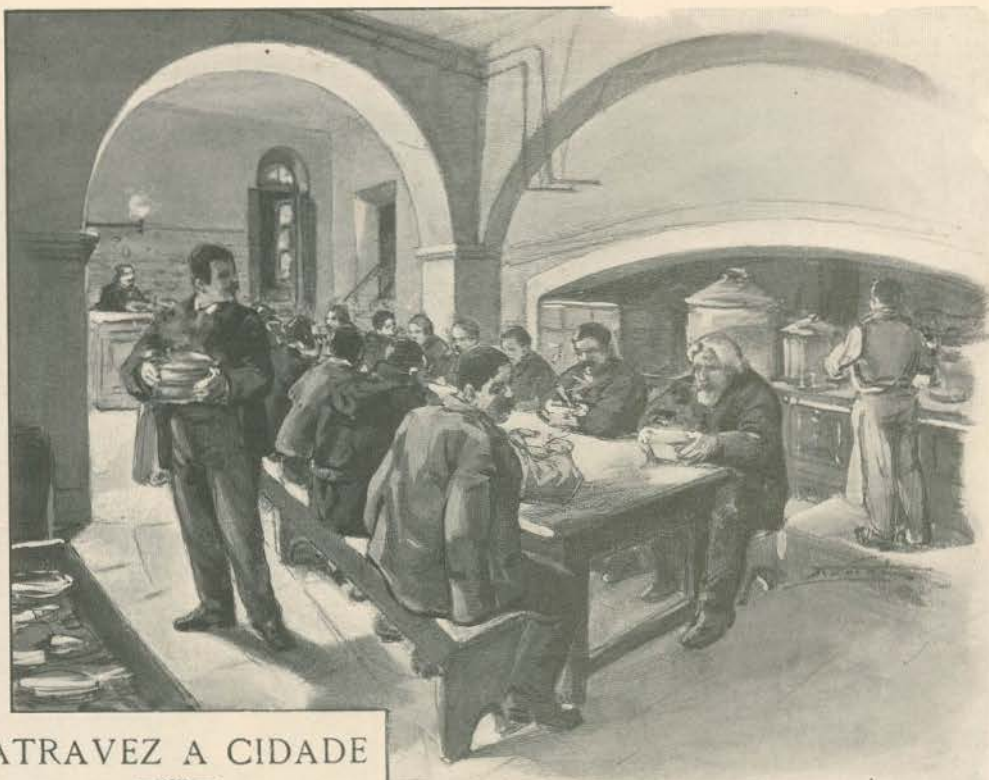


O CARNAVAL NA AVENIDA DA LIBERDADE EM SEGUNDA E TERÇA FEIRA GORDA

As festas promovidas pela Associação da Imprensa continuaram n'estes dias com maior brilhantismo, sendo distribuidos os premios ás diversas mascaradas; reinou um grande entusiasmo principalmente na tarde de terça-feira em que appareceu maior numero de carruagens, automoveis e cavalleiros.

O sr. Augusto de Freitas que recebeu o premio das bicycletas, um espelho de crystal e prata, = O sr. Manuel da Silva, vestido á hespanhola (premio de 50000 réis), = A trou-

pe *Chiquilla* (premio de 150000 réis), = A parodia *Carte d'etres Lamecha* (premio de 50000 réis), = As meninas Regina e Estella Tavarés de Mello (premio destinado ás crianças, duas esbrietas), = A montada granadina da cavalgada Gagliardi (premio um estojo com doze peças de crystal), = A fortaleza do batalhão de Campo d'Ourique, = O sr. Raul Lino em traje 1845, conquistando uma bicycleta modelo primitivo, = Adrião e Genevêva (premio de 15000 réis), = A trmoina Iris dos Santos Silva (premiada no baile infantil).



ATRAVEZ A CIDADE

ALBERGUE NOCTURNO DE LISBOA

(NOTAS D'INFORTUNIO)

Fui há tempo, em fins de verão, peregrinando por essa cidade adiantada, a colher de *rosa* meia dúzia de notas soltas para o meu canhoto de reporter—chronista.

D'essas paginas dispersas, traçadas à *la febre*, recorro hoje os períodos que seguem, referentes ao Albergue Nocturno instalado aqui proximo, na Rua da Cruz dos Poysas, desde 1903.

A hora a que entrei no Albergue, hora tardia para que a indolencia dos miseros ainda ali os tivesse presos, nada colhi de flagrantemente, apenas o vestigio da notada, e, conforme as indicações prestadas, o meu espirito evocou o bando miseravel e triste, esperando no pateo da entrada, estirado em bancos, que inquirido nome, filiação e... modo de vida—suprema ironia!—a cada um fossem dados coia o albergue.

A atmosfera era respiravel, e pairava no ar um halito que vinha do fora, das dependencias do edificio, e as proprias paredes, altas, bem entadas, diziam cuidado e solicitude.

Ladeando o portão ha dois rapidos lanços de cadaria: para a direita o quarto do encarregado—caciço arrojado, claro, onde por uma frincha aberta os meus olhos curiosos e propositadamente observadores toparam com uma enxuga sobre a qual havia rumas do rompa.

O encarregado do Albergue, da parte destinada aos homens, prestou-se, depois d'uma hesitação em que ia desconfiança, a mostrar-me com bonhomia todas as dependencias d'esse *piso* terço.

Galgado o lauco ha uma sala com bancadas em volta, onde começa a selecção:

—No pateo, ali, esperam os homens; aqui, as mulheres e as creanças—diz-me a sua voz forte e persuasiva.

Adiante, outra sala ainda, de identica configuração, é onde o escripturario recebe o nome dos miseraveis e lhes dá, terminado o inquerito summario, um cartão com o numero correspondente à camarata e leito que irão, por aquellas noites invernosas, occupar os famintos.

O albergue para homens

A seguir, a primeira camarata. D'um lado e d'outro do vasto corredor alinham-se em duas fileiras as camas baixas, forradas com uma colcha de chita azul, roupa lavada em todas, dando antes a im-

pressão d'um asylo, d'um collegio pelo cuidadoso aspecto do conjunto.

A cada leito corresponde uma banca de cabeceira, e por detrás, sobre uma tábua pintada, que encobre parte

A REFEIÇÃO

perada vertigem para o crime, ao passo que no Albergue os rostos macerados de vigílias apenas dizem beatitude, misantropia dolorida, ambição, a ambição que é direito social: ser feliz.



O DORMITÓRIO DAS MULHERES

do lambris azulejado, o cubile. A meio uma passadeira de juta. E' este o scenario simples, e agora calmo, da camarata—e, como esta, todas. E, no entanto, por noite alta quantos infelizes não sonharão com a grandeza, aquella ephemera pacificação por certo lhes trará somno benéfico, como se o lar—essa chimera—os agasalhasse agora, e... sempre.

E' facil evocar a scena lugubro, advinhar nas suas caras de sofrimento scenas de desespero amas, de resignação outras, todo o drama intimo exhibido n'uma lagrima, n'uma supplica, e, agonia maior! n'um sorriso. Apesar do fim a que o Albergue se destina: acolher os sem-pão e sem-lar, é o menos sinistro o seu aspecto pela noite, quando entrevistas as camaratas à luz fosem dos lampões. Ali entra apenas a miséria doell, a miséria sem vicio, porque a sacção dos moribundos; dos criminosos essa pertence à vigilancia policial derivando pelos tenebrosos pousos para pernoitar.

No Albergue Nocturno entra durante a noite uma media de 40 pessoas, os que vem esmoliar o caldo fumegante da coia, e uma enxerga onde repousar o corpo das voragens do infortunio. O vicio torvo, os alcoolicos, os laridos, esses refugiam-se nos assentos sombrios da cidade, nas viellas lobregas onde o sonho é uma desesperada vertigem para o crime, ao passo que no Albergue os rostos macerados de vigílias apenas dizem beatitude, misantropia dolorida, ambição, a ambição que é direito social: ser feliz.



OUTRO ASPECTO DO DORMITÓRIO DAS MULHERES

— Quantas noites podem os mesmos indigentes ser albergados? — perguntei ao homem docil que me acompanhava.

— Três noites em cada mez; mas lá mettem empoeiros com a direcção, falam ao secretario, e é raro não lhes ser concedido maior prazo de tempo.

— E as mulheres?
— Ah! essas, meu senhor, chegam a albergar-se vinte e trinta noites seguidas; principalmente as que recolheram gravidas ao hospital e que de lá sahem com a carapuz nos braços. Emquanto os filhos não vão para a Santa Casa dormem por aqui.

A seguir a esta camarata, ha outra com seis camas, e outra ainda com oito.

— A que horas começa a caravana a chegar?
— Ah! por volta das 7, ao cair da noite; mal escurece, começam a entrar, a estirar-se pelos bancos, quasi conhecedores do processo aqui seguido, calados, lentos no andar, para alli ficam esperando. Os mais fatigados, os que durante o dia bateram toda a cidade a mendigar, a implorar... supplicas vãs! — esses, mal se sentam nas bancadas, adormecem, e depois...

E depois? — insisti:
— ... é um inferno para os acordar, foram-se no somno. Tambem, coitados! alguns nem podem com o *café*.

E aquelle homem, affeito a vêr passar-lhe diante dos olhos, agora indifferentes, as mais desolantes historias de miseria, as maiores agonias, que os vigia durante a esca, e que os vê, automaticamente quasi, sorverem o caldo, com a malga á booca, e que depois os recolhe, distribuindo-os pelos seus leitos, teve um tremor triste na voz, repetindo:
— Coitados!... Isto só visto, coitado... e encolheu bruscamente os hombros.

No pavimento terreo, no mesmo plano que o do pateo de entrada, fica no lado opposto a cozinha. Ao centro ha uma vasta mesa, onde os que quorum coar — são quasi todos — dizem-se arrumam esperando a refeição ultima; para elles quantas vezes a primeira, a unica!

— Logo que entram, coim?
— Não, senhor. Antes vão á casa do banho e lavam os pés, depois os mais andrêzcos e sordidos despensoes, e as roupas ficam n'um tanque de marmora onde se escaudam por meio de vapor d'agua que vem, por uma canalisação, d'uma estufa proxima.

A casa de banho é um recinto com bancadas baixas em volta, e cavado no chão, á guisa de reguedra, um sulco profundo de folha, onde morgullam os pés. E o meu elucidador prosegue:

— Alguns trazem-nos em chaga; das caminhadas pela cidade, pelos arrabaldes, calcando azinhagas e estevas, pelas feiras á cata d'uma esmoia.

Proximo d'este quarto, ha um outro onde os albergados deprimem os chapéus, e onde de manhã, no levantar — ás 6 1/2 a mór parte dos dias, exceptuam-se os de inverno — aspêra — se banham em bacias largas, sob a agua que cae em foieira.

— E partem em jejum, com a remissão da cela?
— Depois do levantar toem tambem outra refeição; moio lizo de café e um quarto do pão; depois... mettem-se no caminho.

— Partem alegres? — inquiri preso d'uma viva curiosidade.

— Por vezes vão patreiros e alegres, como se o terem-nos albergado e dado duas refeições já lhes fosse uma

felicidade suprema. Outros, ao contrario, separam-se tristes, como que antevendo um dia de fome negra, e m'altivez para iniciarem a nova peregrinação. E, se já cá estiveram tres noites, então, diante da pou habilitação de não poderem

voltar tão cedo, — porque, como disse, só podem ser albergados 3 vezes no mez — então partem injuriando a vida, amaldiçoando, o difficil e lentamente transpõem a portada. Parece que deixam aqui, estiolada e morta, a unica esperança que lhes restava... Coitados!...

O albergue para mulheres

No primeiro andar, ha as dependencias para as mulheres. Alli, o aspecto é mais dolorosamente commovedor; o mesmo assento é certo, mas a profusão de becos evoca a miseria alastrando nas creanças, a miseria que se pervertora na vida, fantasmas de penosos leitos com as mães, porque as camas toem duas almofadas: uma mais pequena, sob o buço, como que esperando os corpos dobeis. A dor avassallando miniaturas humanas é o que aquelle scenario me diz, na sua simplicidade. A primeira camarata, agora banhada na gloriosa luz do sol, tem 4 camas. A encarregada, a quem fui endereçado, explica-se:

— A qui ficam as mulheres que foram dar á luz ao hospital, e que sahiram com os filhos. Dormem juntos.

— Casadas? — inquiri.
— Quasi nunca. Nós pouco perguntamos, mas muitas confessam-se, e a historia é sempre a mesma; o acaso, a torpeza d'algum homem, uma ambição mal cumprida, o unico prazer das desgraçadas.

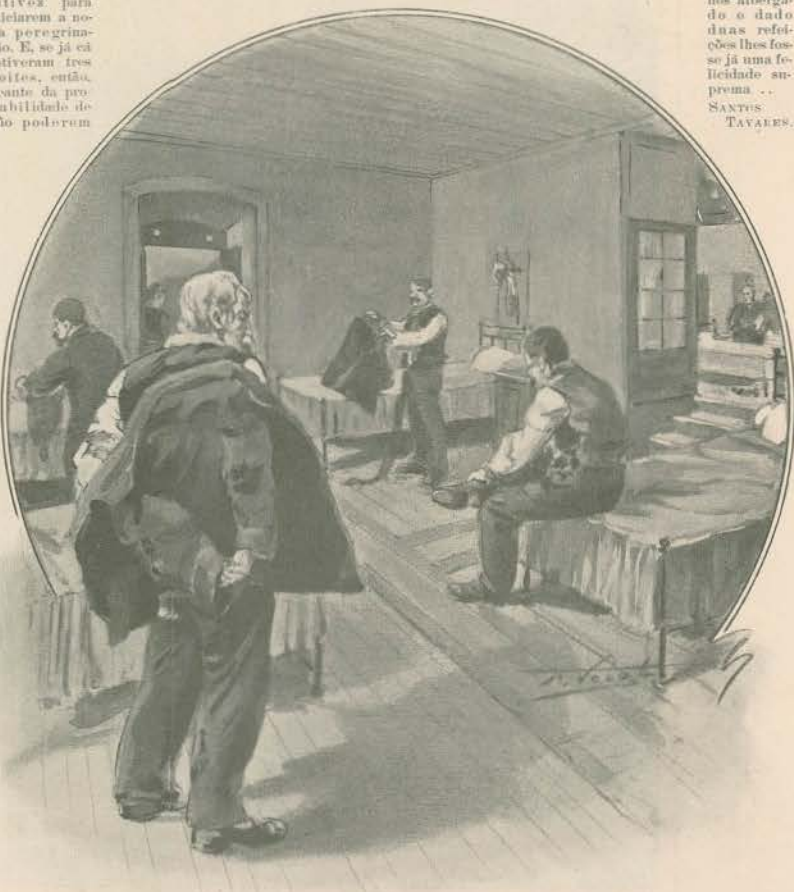
E ah! commoçam a reflector de infortunio, a passar mais fome, com os peitos rasos, estancos, enchendo os corpos tenros de lagrimas que é a unica mortalha que os envolve, o unico cuncho, aria da angustia que deveria antes ser uma musica prohibida — que os embala — ficára-me pensando n'uma surda revolta de inutil para apaziguar tanta fadiga, tanta infelicidade.

Duas horas depois, sahia do Albergue, não sem ter recordado as scenas de miseria que aquella piedosa instituição ampara, os momentos de felicidade que offerece a todos os sem-luz que a ella recorrem.

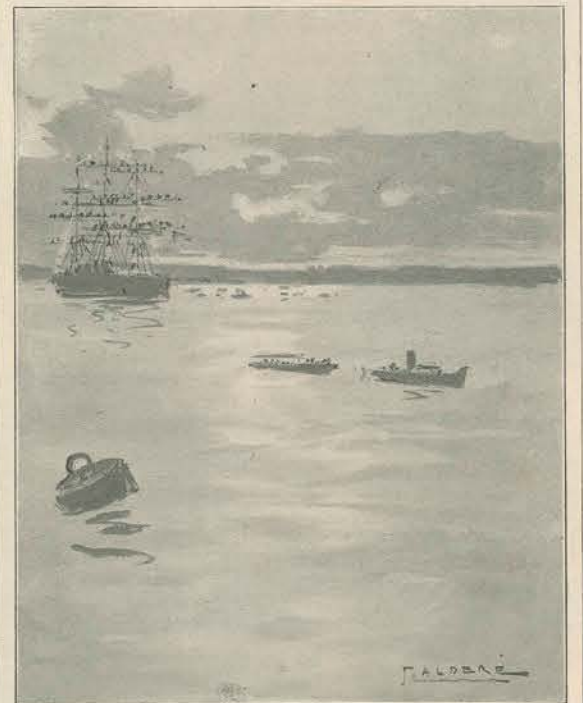
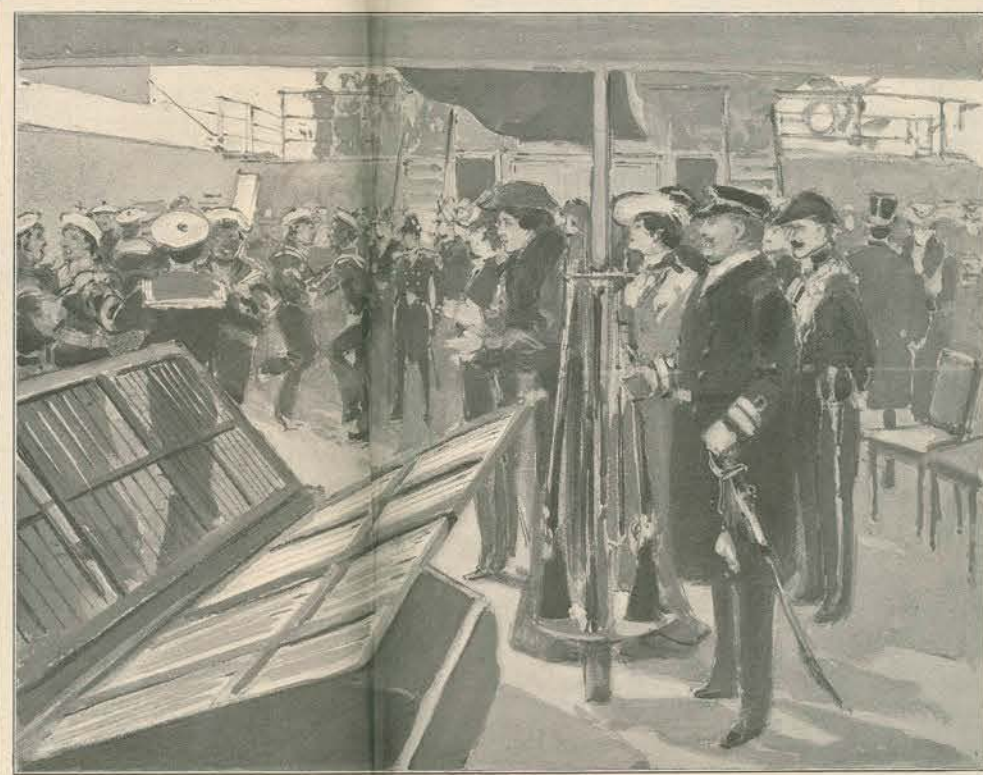
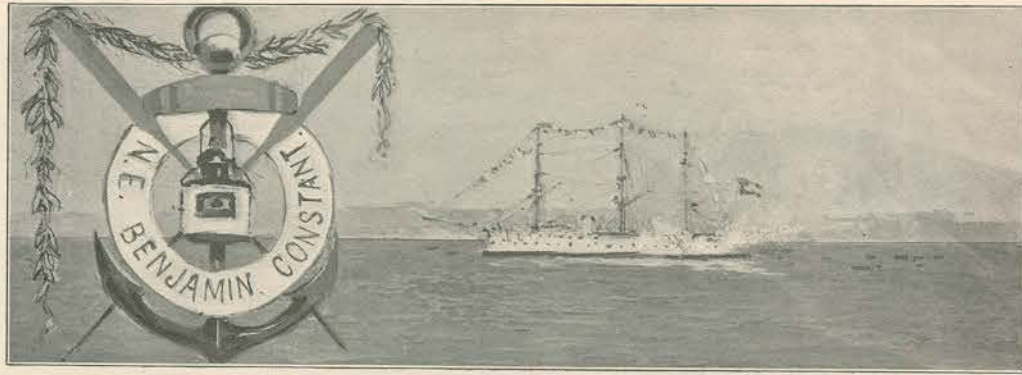
E no meu espirito vibrava ainda a eloquente phrase que ponco antes me fora dita:

— Alguns indigentes sahem alegres, como se o terem-nos albergado e dado duas refeições já lhes fosse uma felicidade suprema...

SANTOS TAVARES.



AO LEVANTAR



A VISITA DE SS. MM. A BORDO DO CRUZADOR BRAZILEIRO 'BENJAMIM CONSTANT', EM 12 DE FEVEREIRO

1.º — AS SALVAS.— 2.º — A CHEGADA DE SUAS MAGESTADES.— 3.º — SUAS MAGESTADES NA VISITA.— 4.º — OS MARINHEIROS DANÇANDO O 'MAXIXE' DEANTE DE SUAS MAGESTADES.— 5.º — A PARTIDA DE BORDO

O commandante do cruzador, sr. Alencastro Guea, veio receber ao porto os augustos visitantes, estando formada a guarnição e tocando a banda o hymno portuguez. Suas Magestades repousaram na sala do commandante que lhes offerceu um magifico lunch, findo o qual começou a visita ao navio. Foram collocadas cadeiras na tolda e como Sua Magestade a Rainha senhora D. Amelia manifestasse desejo de ouvir alguns trechos de musica brasileira, a banda tocou o 'Maxixe da Capital Federal' e o fado brasileiro 'Bêbê'. O 'Maxixe' foi dançado pelos marinheiros Raymundo dos Santos, Milton Leopoldo Pedrosa, Horacio Borges, Antonio Ylanna e pelo cabo de infantaria de marinha Alexandro Matta. Sua Magestade applaudiu os marinheiros que tinham dançado a modinha caracteristica do Brazil e foilhos offercido a esta occasião, pela officialidade do cruzador, um bello ramo de lyris e jasmim, com fitas das cores brasileira e portugueza. Muito gentilmente S. M. accediu em ser photographada pelo sr. tenente Dedowarth. A visita de Suas Magestades terminou pelas 4 horas da tarde e constituiu a ultima cerimonia official a bordo do 'Benjamin Constant', que sahio do nosso porto no domingo gordo.

A MASCARADA DOS ALUNNOS DOS LYCEUS

Os rapazes do lyceu, n'uma alegria propria da mocidade, festejaram extraordinariamente o carnaval com um cortejo heros-comico que gerou grande hilaridade por essa Lisboa. O programma, em patetica critica a diversos acontecimentos escolares, encontram magnificos interpretes nos alumnos dos lyceus de S. Domingos e do Carmo.

A frente iam os alumnos Antonio Pinto Martins, Felix da Costa e Annibal dos Santos montados em burros, e seguia-se a mascarada pela seguinte fôrma: Um batalhão de 400 alumnos com a sua bandeira verde, tendo por capacetes alcofas, depois o *regimento imaginario da raiz menos um*, constituído por alguns alumnos do lyceu de S. Domingos, *Caçallaria macedonica*, e o athleta *Motino*, a *Reforma*, a *Industria Nacional*, os *homens do futuro* e o *anão* do carnaval antigo.

Seguiam-se depois o *Progresso*, novos batalhões e os *verdadeiros martyres da sciencia*, que entoavam, em tons desentoados, um hymno folião. Fechava a mascarada uma philharmonic, que atrava tudo com os sons rancos dos clarinetes velhos e das cornetas de barro.



Recio, Avenida, ruas Alexandre Heroniano, Casilho, Rodrigo da Fonseca e S. Mamede até a Escola Polytechnica.

Quando os alumnos do lyceu chegaram a este ponto, os estudantes d'este estabelecimento receberam-nos com o hymno real tocado em gaitinhas de fofa, ao mesmo tempo que dentro da garrafa se ouvia o barulho do tamboril, n'uma recepção galboleira á rapsodia.

Fez-se então a cerimonia.



No lyceu do Carmo organisaram-se quatro batalhões compostos por 400 alumnos e que tinham as seguintes denominações: *D. Luciano*, *Requetras de Panamá*, *Crusada de canos d'espoio e Garfo e faca*. Sahiram em fôrma do Carmo para S. Domingos, onde os aguardavam os outros estudantes, organisando-se então o cortejo pela seguinte maneira:

Este grupo chamava-se a *Philharmonic dos Vermelhos das Loças* e era regido pelo estudante Napoléon que, de búsola em punho, em largos gestos, marcava o compasso da banda. Logo atraz marchava a guarda de honra formada por 12 estudantes com barretinas d'oleado e espingardas de pau, escoltando o pendão do *grosso da população*. Na retaguarda, coberto de crachás de papelão e montado n'um burro, ia o estudante Quartim, o generalissimo das tropas, com o seu ajudante Moraes Ferreira, montado n'um pau com uma cabeça de burro em cartão.

No cõcepo do cortejo alguns estudantes representando caricaturas reporters e grotescos politicos da judicaria.

O cortejo percorreu o largo de S. Domingos,



do enterro da *Fanella*, allusão graciosa a um acontecimento escolar, e a tropa, depois d'um *lunch*, que coustou d'agua, por pecaos de barro, passo de novo em marcha.

Seguiram então pelas ruas da Escola, D. Pedro V, S. Pedro d'Alcantara, S. Roque, Chindo, Nova do Almada, S. Nicolau, Ouro e Recio.

Foi este o primeiro anno em que os alumnos dos lyceus fizeram a sua mascarada assim como os estudantes do Instituto Industrial.

Desde ha annos que as festas escolares carnavalescas eram apenas feitas pelos rapazes da Escola Medica, os quaes em alegres cortejos criticavam com os acontecimentos escolares outros extra-academicos.

A festa realisava-se no pateo da Escola e este anno foi transferida para o dia da Serração da Velha, em que fôrão um grande baile allegorico como é de uso nas escolas de Paris pela *ni-carême*.

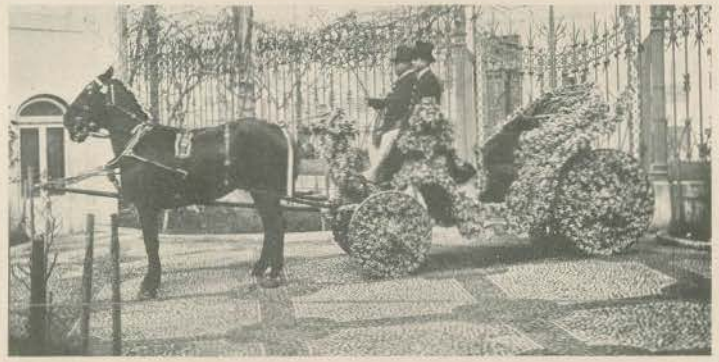
1 — GRUPO DE REPORTERS E POLICIAS — 2 — O CARRO DO ATHLETA M.C. — 3 — UMA ANA DOS HOMENS DO FUTURO — 4 — SOLDADOS DO REGIMENTO DA RAIZ — 5 — OS MANDÕES — 6 — O COMEÇO DO CORTEJO — 7 — OS ALUNNOS DO LYCEU DO CARMO (REGIMENTO IMAGINARIO) — 8 — OUTRO ASPECTO DO REGIMENTO



O BATALHÃO D'AJUDA

Este batalhão foi constituído há dois annos pelos rapazes d'Ajuda que se apresentaram em publico com extravagantes uniformes e obtiveram desde logo um successo. Batalhão alegre que conta perto de 400 soldados, com os respectivos sargentos e officiaes, e commandado pelo sr. A. Hato, telegraphista, da estação de Belem, que durante os dias de carnaval soube manter o entusiasmo entre os seus subordinados, nas manobras da Avenida.

O regimento andou sempre em evoluções com os seus porta machados, artilharia, carros de ambulancia, etc., e pela sua graça, pelo exotico dos trajes, conseguiu bastantes e merecidos applausos. Levava alguns tipos raios, que arrancavam francas gargalhadas dos espectadores. Foi sem duvida o melhor batalhão carnavalesco que se apresentou, merecendo justamente o 1.º premio, 106300 reis, que o Jury lhe conferiu na segunda feira gorda.



ASPECTOS DAS FESTAS CARNAVALESCAS NA AVENIDA DOA LIBERDADE, EM DOMINGO GORDO

1 — O ARCO DA ENTRADA NA AVENIDA — 2 — A FOLHA COM A DAPÇA, A GRAÇA, E ESTRECHER E A ESCOVA DO PANTALÃO — 3 — A BICYCLETA DO SR. KEELY TERRYBY BARRECKE QUE FOI PREMIADA COM UMA SILHETEIRA DE PRATA — 4 — O CARRO DA FOLHA — 5 — A CARRETOEIRA DA SR. D. RAQUEL LEVY AZAROFF

As fôr as foram animadas; para ellas concorreu o bom gosto e o maguillo sol. Havia um grande numero de carruagens enfeitadas a esmeraldas, cavalgaduras literarias, automoveis com bellas ornamentações e bicycletas d'uma grande originalidade. A concorrência foi enorme, e entre o grande numero de carruagens ornamentadas destacavam-se as dos seguintes senhores: Joaquim Domingos d'Oliveira, a fôr as verdes; Antonio Ramos, armada a fôr as de varias cores; o carro ornamentado a

hospedada e com muitas fôr as e mantões que constava de sr. Carlos Lima, Manuel Pires, Antonio Pires e João de Sousa o trem da familia Salazar e outros carros reclinados. Porém a carruagem do mais bello coffeeito era a da sr. D. Rachel Levy Azaroff, todo envolvida em violetas roxas e brancas, myosótidos, e varias colchas riquissimas. Foi este carro que recebeu o premio, que constava d'um grande jarro e bacia de prata estilo Luiz XV.



ASPECTO DA FESTA CARNAVALESCA EM SEGUNDA-FEIRA GORDA NA AVENIDA DA LIBERDADE

As festas começaram às 2 horas da tarde e o seu programma era um certamen de mascaradas. Apareceram algumas de fiavel gosto, outras que davam bem a nota ridicula, o exagero do typo que constitue o grande arte esse carnavalesco. Faziam-se notar as seguintes mascaradas:

Sociedade União e Capricho, tendo no pendão a disticte: *Herentes Incetadores*.— *As Marinheiras do Intendente*, levando um estandarte no qual se lia: *Um drama na India*.— Sociedade Capricho de Alfama, com o seu estandarte no qual se lia: *Na corte de el-rei Lamecho*.— Grupo Musical de Amadores, de jaleco e calção azul, com turbantes.— Troupe musical denominada *Chiquita*, vestida d'azul com capas da mesma cor, guardaceias de arminho e bordadas a lantejoulas de prata.

E os seguintes individuos: Antonio Ignacio, que vestia um fato composto por 19 kilos de baziio; Ignacio de Freitas, tambem com

um fato de conchas, pesando vinte e dois kilos; Justino e Mourão, dois typos de provincianos, em dias solemnes; Henrique Tristado; Julio Rodrigues e Alfredo Netto, que se apresentaram com casacos feitos de cobertores, calças de flanela as riscas, chapéulhos p etos ta cabeça e grandes bengalas de volta; Francisco Alexandr e Rodrigues e Luiz Pimenta da Fonseca, com fatos forrados de caracões; José da Fonseca Teixeira e José Antonio de Carvalho e Sousa, vestindo fatos forrados de bugalhos.

Os premios foram conferidos pela seguinte ordem: 1500000 réis ao batalhão d'Alcântara; 500000 réis à Sociedade d'Alfama, que representou a parodia a *Corte d'el-rei Lamecho*; 250000 réis à *Troupe Chiquita*; 150000 réis aos dois mascarados *Abrão e Genoveva*; 100000 réis aos arts. José Antonio de Carvalho e Sousa e José Teixeira, que vestiam de bugalhos; 5000 réis ao sr. Manuel da Silva, vestido de espanhol.



OS PORTUGUEZES NO SALÃO DE ROMA

RETRATO DA SR.ª CONDESSA DE THOMAR FEITO PELO SR. O'CONNOR MAARTINS, SECRETARIO DA EMBAIXADA PORTUGUEZA EM ROMA

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN.

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Pela manhã mandámos vir burros. E' para notar que tivemosnos de os mandar vir. Disse que Damasco era um fossil. Em qualquer outra terra teriamos sido assaltados por um clamoroso exercito de burriquireiros, guias, bufariabeiros e mendigos — mas em Damasco a só presença de um christião estrangeiro é odiada a tal ponto que ninguém quer ter trato com elle; data apenas de um anno ou dois que um christião está perfectamente seguro nas ruas de Damasco. Em toda a Arabia é esse o mais fanatico purgatorio musulmano. Enquanto n'outras partes vides um turbante verde do um Hadji fignal venerado de que s. ex.ª fez a peregrinação a Mecca, vereis uma duxta em Damasco. Os damascenos são gente horranda e de mais ruim aspecto quo temos visto. Quasi todas as mulheres de véo, que enxergámos até agora, deixam os olhos descobertos, mas grande quantidade d'ellas em Damasco occultam o rosto de todo sob um véo negro muito espesso, que faz a mulher parecer uma mumia. Se alguma vez apuñámos um olho descoberto, logo o escondiam para o livrar do contaggio de olhares christãos; os mendigos passavam por nós sem nos pedir esmola, e os mercadores nos bazares não erguiam no ar as suas mercadorias, gritando agudamente: — Olé, João! — ou — Repara n'isto, Howajji! Pelo contrario, carregavam o semblante ao ver-nos, e nunca diziam palavra.

As ruas estreitas enxameavam, como um cortiço, de homens e mulheres, em extranhas vestes orientaes, e os nossos burricos batiam n'elles para a direita e para a esquerda, ao passo que rompíamos pelo meio d'elles, incitados pelos desapiedados rapazes dos burros. Esses perseguidores correm atraz dos animas gritando e agulhoando os durante horas a fio; conservam o burro n'um galope constante, sem, nomindo, se cansarem ou cahirem para traz. Os burros, esses caem, e fazem-nos ir por terra, sahindo-lhes pela cabeça, uma vez por outra, sem outras consequencias que montarmos outra vez e andarmos para diante. Fomos arremessados d'encontro a aguçadas esquinas, homens carregados, camellos e cidadãos em geral; e estavamos tão occupados em evitar collisões e eventualidades, que o mesmo era não reparar para coisa nenhuma. E metados percorremos meia cidade, e atravessamos a famosa rua — que se chama direita,



sem, a bom dizer, vernos coisa nenhuma. Tinhamos os ossos quasi deslocados, sentíamos grande excitação, e os lullas doliam-nos com os solavancos que tinhamos dado. Não gosto de andar a cavallo nas ruas de Damasco.

Ficavamos em caminho ás famosas casas de Judas e Ananias. Ha de haver mil novecentos ou mil e novecentos annos, que Santo, natural de Tarsos, sendo especialmente adverso á nova seita chamada dos christãos, sahio de Jerusalem e foi-se atravez do paiz n'uma cruzada furiosa contra elles. Avanceu «respirando ainda ameaças e morte contra os discipulos do Senhor.»

«E indo elle seu caminho foi coisa factivel que se avizinhasse a Damasco; e subitamente o cercou um alla luz vinda do céu.»

«E, cahindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, porque me persegues?»

«Elle disse: Quem és tu, Senhor? E elle respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues...»

«Então, tremendo e attonito, disse: Senhor que queres tu que eu faça?»

(Ac. dos Ap., cap. IX)

Disse-lhe que se erguesse e fosse á antiga cidade e alguém lhe diria o que havia de fazer. No entretanto os seus soldados ficaram sem fala e cheios de terror, porque tinham ouvido a voz mysteriosa e não viram homem nenhum. Saulo ergueuse e conheceu que aquella esplendida luz sobrenatural lhe tinha tirado a vista, e que estava cego, de sorte que «ellos, levando-o pela mão, o introduziram em Damasco.» Estava convertido.

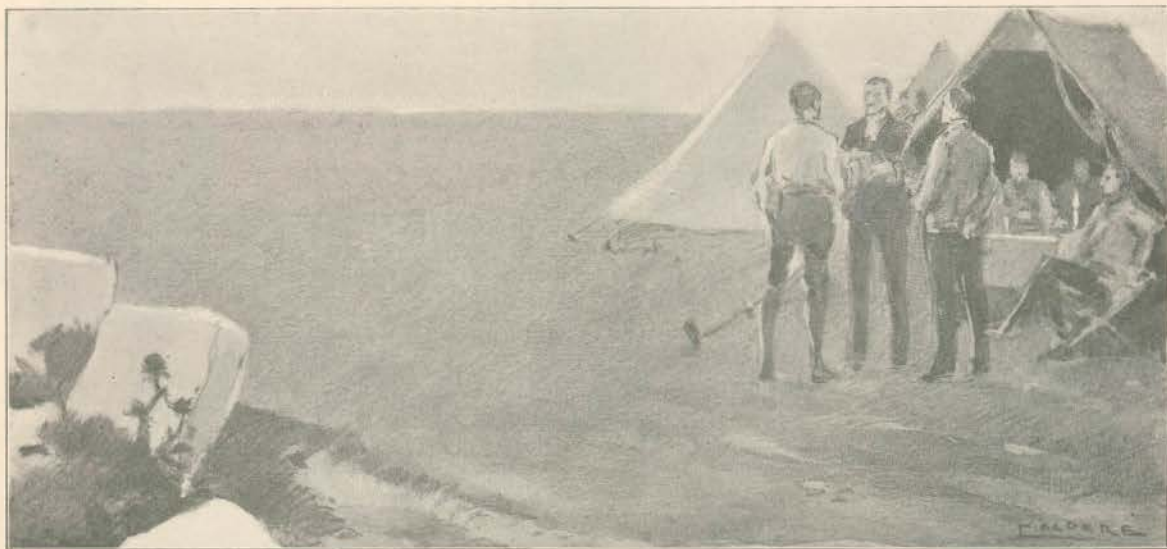
Paulo esteve tres dias cego em casa de Judas, e durante esse tempo não comou nem bebeu.

«E um cidadão de Damasco, de nome Ananias, ouviu uma voz que dizia: «Levante-te e vai á rua que se chama direita; e busca em casa de Judas a um de Tarsos, chamado Saulo; porque elle ali está orando.»

Ananias a principio não tinha muita vontade de ir, porque já ouvira nomear Saulo, e a tinha suas duvidas sobre aquella denominação de «vaso de eleição» para pregar o evangelho da paz. Contudo, em obediencia ás ordens, foi á «rua que se chama direita» (como elle deu com ella, e, como depois de a ter encontrado, conseguiu sair de lá, são mysterios que só podem admitir-se pelo facto de que elle estava obrando sob a inspiração divina). Encontrou Paulo, curou-o e ordenou-o pregador, e d'essa casa velha, que nós buscamos na rua mal denominada direita, partiu elle para a arribada carreira de missionario, que seguiu até á sua morte. Não era essa casa do discipulo que vendeu o Mostro por trinta dinheiros. Dou esta explicação em abono de Judas, que era uma especie de homem inutilissimo diferente da pessoa a que acima alludo. Multissimo diferente especie de homem, e vivia n'uma casa bem boa. E' lastima não sabermos mais nada a seu respeito.

A rua que se chama direita é mais direita que um sacacrolhas, mas não tanto como um arco-iris. S. Paulo teve cuidado em não se comprometer; não diz a rua direita, sim a «rua que se chama direita». E' uma fina ironia, o unico gracejo que ha na Biblia, creio eu. Tendo atravessado a rua que se chama direita, dirigimo-nos para a famosa casa de Ananias. Ha alguma duvida sobre se ainda existe uma parte da casa primitiva; é um velho quarto, soterrado doze ou quinze pés, e a sua cantaria é evidentemente antiga. Se lá não viveu Ananias





XIV

A vislumbre para variar — Valor imenso — Outra península de estrangeiros — Photographia a parva e hinc de Jemshah-pangh, na Syria — Tunnado de Neuzul, o poderoso caudato — A mata majestosa de todas as ruínas — Contemplando pela via da Terra Santa — Zaido, nas origens do Jordão — Mais espelhos — A encada — Ruínas de Amario-Philipp — Sobre esta pedra edificarei a minha igreja — A gente que os discípulos colheram — O indio curvel — Balloes — Idolatria sentimental dos arabes pelo cavallo.

Nas ultimas vinte e quatro horas que estivemos em Damasco, fiquei prostrado com um violento ataque de cholera morbus, e por consequencia tive boa occasião e boa desculpa de estar deitado sobre o grande divan, e ter um respeitavel descanço. O que tive que fazer foi só ouvir a queda da agua nas fontes e tomar remedios. Ingeri muita neve do monte Hermon, e, como ella se me não demorava no estomago, nada impediu que a fosse tomando — havia sempre espaço para mais. Ozel muito com isso. A viagem na Syria, como em qualquer outra parte do mundo, tem suas feições interessantes, e quebrar uma perna ou ter a cholera ainda lhe acrescenta uma boavinda variedade.

Sahimos de Damasco ao meio dia, atravessámos a cavallo a planície um bom par de horas, e depois o grupo deteve-se por um pouco á sombra de umas figueiras para descançar. Foi o dia mais ardente que tivemos. Os fogos solares desciam com as chamas que se alongam deante de um magarico; os raios pareciam cair n'um diluvio constante sobre a cabeça e vir por ali abaixo como a agua da chuva de um tecto. Imaginai que podia fazer distincção entre as ondas do raios — pensei que podia dizer quando cada onda me tocava na cabeça, me chegava aos hombros, e quando vinha a immediata. Terrível coisa! Todo o deserto scintillava com tamanha violencia que eu tive sempre os olhos arrojados de agua. Os rapazes levavam guardasas muito bonas forradas de verde escuro, o que era um beneficio inapreciavel. Agradeo á minha fortuna tambem possuir um, não obstante estar emmalhada com a bagagem, e a dez milhas adiante. E' leuena viajar na Syria sem guardasas. Disseram-me em Beirouth (pessoas que estão sempre a abarrotar-vos de conselho) que era leuena viajar na Syria sem guardasas. Por isso é que eu tinha adquirido um.

Mas, falando serio, entendo que um guardasas é um incommodo sempre que se trata de nos preservar do sol. Arabes nemhum usa abas no seu foz, guardasas ou qualquer coisa, que lhe faça sombra nos olhos ou no rosto, e parece estar sempre bem e á vontade ao sol. Mas de todas as scenas ridiculas que já mais tenho visto — a mais ridicula é a que apresenta o nosso grupo de oito, que formam um quadro muito extranho. Viagem a um do fundo; todos elles trazem o interminavel trapo branco de Constantinopla enrolado emba e muitas vezes nos seus chapéus, e fluctuando pelas costas abaixo; todos usam grossos oculos verdes com antolhos; todos levam na mão guardasas brancos, forrados de verde, abertos sobre suas cabeças; sem excepção, os seus estribos são muito curtos — não ha em todo o mundo cavalloiros peores do que elles; e os seus animos, para cavallos, tratam horrivelmente — e, quando vão em fila, respaldando na frente e sem poder respirar, saltando ora um, ora outro, para cima e fora de ordem em todo o comprimento da linha, com os joelhos erguidos e puxados acima, ossa cotovellos a baterem-lhes nos lados, como as azas do gallo quando vão cantar, e a comprida enfiada de guardasas a pular convulsivamente para cima e para baixo — quando a gente vê este painel affrontoso descontrolado á luz

do dia, mesmo de que os deuses não lancem mão dos seus raios, e não varram aquillo da superficie da terra; Pasmo, com effeito. Não consentiria que semelhante cavrassem atravessasse paiz meu.

E, quando o sol se some no horizonte, e os rapazes fecham os guardasas e os mettem debaixo do braço, é apenas uma variante do quadro, e não modificação do seu absurdo.

Mas bem pode ser que não enxergois a exuberante incongruencia dos oculos. Falo-lheia, se eu estivesseis. Aqui pareceo sempre que viveis ali pelo anno de 1200 antes do Christo — ou para trax no tempo dos patriarchas — ou para deante na Nova Era. Rodeia-vos o scenario da Biblia — vódes os trajes dos patriarchas — a mesma gente, com as mesmas vestes fluctuantes, e de sandalias, passa por vós — vós e veem as mesmas compridas fileiras de dromedarios majestosos — a mesma imponente e religiosa solemnidade e silencio possuem hoje sobre a deserto e as montanhas como possavam nos tempos remotos da antiguidade, e não queis agora ver, entremetendo-se n'um scenario d'esta orleão, essa tropa phantastica de Yankoes de oculos verdes, com os cotovellos a dar a dar, e os guardasas para uma banda e para outra. E' coisa que não tem geito nenhum!

Volvidas tres ou quatro horas desde da sahida de Damasco, passámos pelo sitio em que Saulo foi abruptamente convertido, e de lá contempámos o deserto ardente e aperecebemos n'um ultimo relance a bella Damasco, coberta pela sua refrigente vertura. E já noite fechada nos recolhemos ás nossas tendas, da parte de fora da suja aldeia de Baidwinville. A verdadeira denominação d'esse lugar é El ma casa ou outra, mas a unica pessoa que jamais leuou pronuncia-la, morreu. Quando digo que essa aldeia é do castro ordinarío, pretendo significar que todas as aldeias da Syria no ambito de cincoenta milhas de Damasco são a mesma coisa — tão semelhantes umas ás outras que seria necessario intelligencia mais que humana para dizer o em que ellas differem entre si. Uma aldeia da Syria é uma colmeia de cabanas de um andar de altura (a altura de um homem) e quadradas como uma caixa de generos secos, toda emplastada de terra amassada, tecto e tudo acachado, e geralmente caiada segundo o costume. Muitas vezes o mesmo tecto corre sobre metade da povoação, cobrindo boa parte das ruas, que tem em geral uma largura de largura. Quando atravessas a cavallo uma d'essas aldeias ao meio dia, a primeira coisa que encontras é um cão melancholico, que levanta os olhos para vós, e pede silenciosamente que não passais por sobre pees vódes um rapaziço completamente nu, que ergue a mão e diz: — uma semola! — de certo, não espera que lhe deis um real; mas aprendei a dizer aquillo antes de saber dizer minha mãe, e agora já não perdo o habito; depois é uma mulher com o vao muito fechado sobre o rosto, e o busto á vista; finalmente, idos dar com muitas crianças de dentes dos olhos, e crianças em todas as phases do mutilação e decadencia; e sentado humildeamente no chão, o todo coberto de trapos imundos, está uma miseravel ruína humana, cujos braços e pernas estão travados e entrelaçados como as videiras. E' essa gente que é provavel que veja. A população, parte dorme de portas a dentro, parte anda por fora apascentando as cabras nas planícies ou nas encostas dos montes.

no tempo de S. Paulo, algum lá morou, o que vem a dar na mesma. Bobi uma gotta de agua do poço de Ananias, e, coisa notavel, estava tão fresca, como se tivessem aberto o poço na vespéra.

Seguimos d'alli para a extremidade norte da cidade para ver o lugar onde os discípulos puzeram S. Paulo sobre a muralha de Damasco — porque elle pregava a religião de Christo tão corajosamente em Damasco que o povo tratou de o matar, exactamente como o fariam hoje pela mesma affronta, e por isso elle teve de fugir para Jerusalem.

Fomos ver a sepultura dos filhos de Mahomet, o outro que pretende ser o do S. Jorge, que matou o dragão, e por all adeuto até á caverna debaixo de uma rocha, onde S. Paulo se escondou durante a fuga, até que os seus perseguidores se deixaram de o buscar; e ao manulo dos cinco mil christãos mortos em Damasco pelos turcos em 1861. Dizem que a ossas rus estrofinas o sangue correu durante muitos dias, e que hommas, mulheres e crianças foram indistinctamente friccionadas, ficando a apodrosar aos entos em todo o bairro christão; dizem, ainda, que o fétido era terrível. Fugiram de cidade todos os christãos que o puderam fazer, e os turcos não quizeram macular as suas mãos, enterrando os «ões infios». A sede do sangue extendeu-se até ás terras altas de Hermon e do Anti-Libano, e dentro em pouco tempo mais vinte e cinco mil christãos foram sacrificados, e os seus bens assolados. Que odio tem os christãos em Damasco! — e egualmente em toda a Turquia. E como elles hão-de pagalo quando outra vez a Russia apontar sobre elles a sua artilharia!

Consola o coração invectivar a Inglaterra e a França por intervirosen para salvar o imperio otomano da destruição que tanto tem merecido, lá mil annos. Fere a minha vaidade ver estos pagãos não qerevem comer da alimentação preparada para nós, ou servir-se de um prato do qual nos comemos, ou beber de um dero que nos polluimos com os nossos labios christãos, a não ser que filtrem a agua por um trapo ou por uma esponja, postas na bôca do odrel! Nunca detestei um chin tano como estes degradados turcos e arabes, e, quando a Russia estiver prompta para outra vez lhes fazer guerra, espero que a Inglaterra e a França não julgarão acertado intervir.

Em Damasco cuida-se que não ha rios nenhuns no mundo inteiro como os seus pequenos Abana e Pharpar. Sempre assim pensaram os damascenos. Nos Reis, l. IV, cap. V, v. 12, jacta-se Naaman de modo extravagante a respeito d'elles. Passou-se isso ha tres mil annos. Diz elle: «Acaso não temos nos em Damasco os rios Abana e Pharpar, que são melhores que todas as aguas de Israel, para en lá me lavar e ficar limpo? Porém, alguns dos meus leitores já se esqueceram de quem era Naaman, lá tanto tempo. Era o commandante dos exercitos syrios. Favorito do rei, vivia com grande estado. «Era valente e rico, mas leproso». Conta notavel, a casa, que hoje nos apontam como a que foi d'elle, convertido-se n'um hospital de leprosos, que expõem as suas horrendas deformidades, levantam as mãos e pedem esmola, quando lá o veem extrangeiros.

Ningum pode apraeir o horror d'essa enfermidade antes do a contemplar em toda a sua hediondez nos antigos aposentos de Naaman em Damasco. Os ossos todos contorcidos e informes, grandes nos protuberantes no rosto e no corpo, as articulações deslocadas e pendentes — horrível!



1. LAMBER, 2.º ENFERMEIRO—2. GLENDON, 1.º ENFERMEIRO—3. FOMBERG, 2.º OFICIAL—4. G. OLSON, CREIADO—5. C. BRONN, 3.º OFICIAL—6. LARSEN, FOTÓGR.—7. H. SCHMACH, MARINHEIRO—8. TOLBY, FOTÓGR.—9. A. WIKING, MARINHEIRO—10. S. KRANE, MARINHEIRO, CAPITÃO DO VAPOU "HARALD"

Naufregio do vapor allemão „Harald“

O *Harald*, de 970 toneladas, pertence á casa Floussburger Dampper, vinha de New-Castle com destino a Bora (Italia) quando, ao passar entre os Cabos Carvoeiro e da Roca, foi colhido pelo temporal na manhã de 11 de fevereiro. Quizeram então mudar de rumo e vieram para as bandas do Cabo de S. Vicente buscando abrigo. Porém foram impellidoes para o largo e o barco, encalhando nas pedras da Zimbreira, a 400 metros da costa, soffreu um grande rombo, sendo logo inundado e porão e a casa das machinas. Logo que se deu o desastre a tripulação buscou lancarse ao mar, porém, o capitão, mr. Johann Pattersen, vendo que o navio offercia todas as condições para se aguentar, mostrou aos seus homens que deviam ficar a bordo em vez de irem lutar com o mar, que estava temivelmente agitado.

Apesar de todo metteram-se ainda nas lancharas 11 homens de tripulação, ficando 8 a bordo. Já próximo da praia o mar despedaçou as duas lancharas e as que ellas conduziam tiveram de alençar a terra a nado. Os que ficaram a bordo quizeram tambem deixar o vapor e estabeleceram um cabo de vaevem, porém tão mal constituido que o marinheiro Johnson e o cozinheiro Andersen ao procurarem a salvação cahiram ao mar, sendo tragados pelas ondas.

Comocaram então a chezar os socorros, tendo partido de Lisboa o vapor *beador Herrio* e o vapor *Lidador*.



CASIMIRO DANTAS

Falleceu em 15 de fevereiro este illustre poeta e jornalista, cuja obra fica dispersa por diversos jornaes e revistas. Os versos que hoje publicamos constituem o seu ultimo trabalho:

MALDIÇÃO

Tu que a sorrir meu soffrimento visitas,
N'essa alviza despoetica, reflee,
Maldita seja tu entre as malditas,
Não teulas quem por ti softe uma prée.

Não tornes a acalentar-te uma alegria,
Nenhuma estrella os passos te illumia,
E apraza á Providencia dar-te um dia,
O supplicio maior que se imagina.

Quando os olhos te apague a morte dura
E para todo o sempre a luz os deixo,
Que não haja entre tanta creatura
Uma so creatura que vos felicie.

Mas ouvo: se amanhã d'orgulho extincto,
Buscar o meu puchão semfim viéres,
Bemdito seja o anjo que por ti spito,
Bemdita seja tu entre as mulheres!

CASIMIRO DANTAS.



UM ASPECTO DA RUA VASCO DA GAMMA, EM PARIS (PHOTOGRAPHIA GENTILMENTE CEDIDA PELO SR. D. ANTONIO DE FARIA, CONSUL DE PORTUGAL EM LEONNE)

A rua Vasco da Gama, como o conselho municipal de Paris delibereou chamar ao espaço que fica entre as avenidas Felix Faure e Orléans Nivert, representa uma homenagem ao nome do grande navegador e a Portugal sua patria. A rua será inaugurada brevemente com a assistencia da colonia portugueza e do municipio de Paris.



SR. CONDE DE AZARUJINHA
Fallecido em 13 de fevereiro

CHRONICA ELEGANTE

Não é facil, na presente occasião, falar d'outra coisa, a não ser de theatros, bailes, soirées e toda a sorte de festas que são da praxe na época do Carnaval.

Nunca a fantasia se inspirou tão diversa e artisticamente como agora, pois os tecidos destinados a esse genero de *toilette* são verdadeiramente primorosos: alguns profusamente recamados de bordados, *galles, perles*, outros em acena e volutes flexiveis e ondulantes, ou de roudas *incrustés* na gaze, *monsetine, crepe de Chine* e nos tulles finissimos quasi impalpaveis. As roudas preciosas ostentam-se como adorno de primeira ordem nas *toilettes* de todo o genero, sobretudo nas menos vaporousas e leves, attenmando a severidade dos tecidos pesados usados pelas senhoras que não dançam muito. Para as valistas infatigaveis nada pode igualar o traje fino de gaze, *mussetine*, ou tullo guarnecido de flores variadas dispostas de forma muito *persoal*, sem regra nem symetria. As joias fazeiam o scintillar por entro nuvens graciosamente humanas e completam o conjuncto instigante e atrahente do traje de baile moderno, inimitavel de frescura, opulencia e elegancia. Usam-se bastante as



FIGURA 1



FIGURA 2

teadores. Em 10 ostras uma tem pérola, emquanto que, entregue o caso á natureza, encontra-se uma pérola por mil ostras.

joias antigas que, além do seu valor intrinseco, são adoptadas entusiasticamente como obras d'arte. Os brilhantes engastados á moderna, munidos sómente de griffes que deixam assim realçar todo o seu esplendor, são incomparavelmente mais vistosos, mas a forma antiga tem um encanto de variedade e distincção inagotavel e traz nos á memoria suggestivas fliguras d'outros tempos. As pérolas resscendem juvenitude, graça e pureza, são o adorno das *toilettes* alegres e brilhantes. A proposito d'estas, consta que um sábio francez, depois de se entregar a varias experiencias scientificas, pretende cultivar em Franca uma especie d'ostras, nas quaes inocular ou antes *infeclear* a preciosa moléstia, um bichinho chamado *Disomo*, o qual, como se sabe, é a origem da pérola. Os resultados obtidos até agora já são promettehores. Em 10 ostras uma tem pérola, emquanto que,

Virão as pérolas a ser menos preciosas? Talvez. Crémos, porém, que nunca serão desdenhadas e que a sua incontestavel graça fará sempre d'ellas um precioso e formosissimo adorno.

O coral rosa tambem é actualmente muito usado pelas meninas e senhoras novas, assim como as turquezas e saphyras. As opalinas tem a trinta leuda de serem mau presagio; estamos, porém, certos que esse prejuizo desaparece quando se misturem com outras pedras, como por exemplo a turqueza, que é *port-honneur*, ou com os brilhantes, symbolo da alegria e da ventura.

Fig. 1.—Traje de *soirée* para menina de 14 a 15 annos. Em *monselle rose*, inteiramente *plissé* com grande berthe em tafetetas *rose pâle incrustée* de roudas *Valenciennes*. Collar de pérolas e coral rosa.

Fig. 2.—*Toilette de soirée* em veludo branco guarnecida de *chiffon* branco *haut tonné* e bordados de ouro. Collar de brilhantes.

Fig. 3.—Cabeça de fantasia, genero *bayadère* com ornatos dourados e flores.



FIGURA 3